

A Democracia Armada: Intervenção, Retórica e o Império Disfarçado – Por Amadeu Ricardo

written by Amadeu Ricardo | 8 de Junho, 2025

OCIDADAO



Amadeu Ricardo

Ao longo do último século, o discurso das democracias ocidentais tem oscilado entre a defesa dos direitos humanos e uma prática sistemática de guerra. Este paradoxo foi bem sintetizada por Noam Chomsky, quando afirmou:

“A função da guerra moderna é manter o mundo num constante estado de reorganização ao serviço das grandes potências.”

(Chomsky, *Hegemony or Survival*, 2003)

Desde o Irão em 1953, passando pelo Chile em 1973 e pelo Afeganistão em 2001, até à Líbia em 2011, os Estados Unidos e os seus aliados envolveram-se directa ou indirectamente em

dezenas de intervenções militares, golpes e invasões. Em todos estes casos, os pretextos foram sempre muito “elevados”: proteger a democracia, combater o terrorismo ou impedir as violações dos direitos humanos. Contudo, como defende **John Mearsheimer**, estrategista da política realista:

“Os Estados intervêm não por altruísmo, mas porque acreditam que isso serve os seus interesses estratégicos.” (The Tragedy of Great Power Politics, 2001)

O Caso do Iraque: Guerra sob a Bandeira da Mentira

O Iraque é um exemplo paradigmático. Em 1990, Saddam Hussein invadiu o Kuwait. Os EUA lideraram uma coligação militar com base na defesa da soberania kuwaitiana. No entanto, como explicou o economista **Michel Chossudovsky**:

“A Guerra do Golfo foi uma operação cuidadosamente planeada para assegurar o controlo dos recursos petrolíferos e estabelecer uma presença militar permanente no Golfo.” (The Globalization of War, 2015)

Em 2003, nova invasão foi lançada, agora sob o pretexto de que o Iraque possuía armas de destruição maciça – facto que nunca foi provado. O jornalista de investigação Seymour Hersh denunciou, anos depois, os mecanismos de manipulação e de informação que precederam a guerra.

A consequência disto foi o colapso do Estado iraquiano, a emergência do Daesh, e centenas de milhares de mortos civis.

O Colonialismo Contemporâneo: O Caso Israel-Palestina

A fundação do Estado de Israel, em 1948, não foi apenas um desfecho trágico para o povo palestiniano, mas também o prolongamento de uma lógica colonial no Médio Oriente, apoiada pelo Império Britânico e seguidamente pelos Estados Unidos.

Como escreve o historiador israelita **Ilan Pappé**:

“A limpeza étnica da Palestina foi um plano político deliberado, sustentado pela cumplicidade internacional.” (The Ethnic Cleansing of Palestine, 2006)

A actual ocupação da Cisjordânia, o bloqueio de Gaza e as contínuas violações do direito internacional demonstram como a chamada *“única democracia do Médio Oriente”* funciona como o posto avançado de uma ordem global baseada em excepções.

0 Império sem Nome

A estratégia americana pode ser compreendida dentro do conceito do imperialismo informal, proposto por Michael Doyle, onde as potências exercem o seu domínio através de estruturas multilaterais, finanças, cultura e presença militar – sem a necessidade de colónias formais.

O politólogo **Zbigniew Brzezinski**, conselheiro de segurança nacional, foi claro no seu realismo geopolítico:

“Para manter a supremacia global, os EUA precisam controlar a Eurásia.” (The Grand Chessboard, 1997)

Concluindo: A Ideologia como Arma

A retórica da liberdade, da democracia e dos direitos humanos tornou-se a capa ideológica de uma arquitectura de controlo e de domínio. **Naomi Klein**, quando analisa a doutrina do choque, mostra como as crises são instrumentalizadas:

“A destruição do Estado faz parte do plano. As privatizações, o caos, os contratos militares e a dependência tornam-se oportunidades de lucro e de controlo.” (The Shock Doctrine, 2007)

A questão central, portanto, não é se as intervenções ocorrem por erro ou por excesso de zelo. Elas são, e fazem parte de uma agenda global de poder, na qual a democracia é transformada num instrumento – e não num fim.

Quem Manda, Afinal, no Mundo “Livre”?

Por detrás da fachada institucional, operam estruturas de poder que não se submetem a eleições. Grupos de elite como o **Fórum Económico Mundial**, a **Comissão Trilateral** ou o grupo

Bilderberg reúnem decisores da política, das finanças e da tecnologia, longe do escrutínio público. Famílias como os **Rockefeller, Rothschild, Walton (Walmart), Koch Industries**, bem como dinastias reais (como a **Casa de Saud**) e das corporações como **BlackRock** ou **Vanguard** as quais detêm um poder financeiro superior ao PIB de muitos países.

Como alertou **Aldous Huxley**:

“O estado de liberdade pode coexistir com a manipulação total da opinião pública, desde que as massas não saibam o que não sabem.”

Os Guardiões da Ordem: ONU, FMI e Banco Mundial – a Trindade da Nova Colonização

Criados sob a promessa de reconstrução e paz no pós-guerra, a ONU, o FMI e o Banco Mundial tornaram-se, na prática, os três pilares de uma arquitectura global profundamente antidemocrática. A Organização das Nações Unidas, com o seu Conselho de Segurança dominado por **cinco países com direito de veto**, é muito menos uma assembleia de povos do que um clube de potências. Como ironizou **Boutros Boutros-Ghali**, ex-secretário-geral:

“A ONU só actua quando os Estados Unidos a autorizam.”

O FMI e o Banco Mundial, por sua vez, foram fundados em Bretton Woods não como instrumentos de solidariedade, mas como **agências de gestão da obediência**. Disfarçadas de ajuda financeira, as suas “condicionalidades” impõem políticas neoliberais, cortes nos serviços públicos e privatizações a governos desesperados – garantindo assim o fluxo de lucros para o Norte global. **Joseph Stiglitz**, Nobel da Economia e ex-economista-chefe do Banco Mundial, denunciou:

“A ajuda internacional tornou-se uma ferramenta para forçar países a abrir as suas economias, enquanto os países ricos mantêm os seus próprios subsídios e barreiras.”

O que se apresenta como globalização solidária é, na

realidade, uma engenharia de submissão: onde há dívida, há chantagem; onde há crise, há oportunidade – para os mesmos de sempre.

Profecia de um Velho Deus Europeu (Cinismo Cósmico)

“Eu vi nascer o Leviatã moderno. Estava lá quando os homens celebravam a criação da ONU, embriagados com discursos sobre direitos humanos que sabiam que jamais iriam cumprir. Aplaudiam as instituições de Bretton Woods como se elas fossem templos da razão – mas ao contrario, eram jaulas douradas, construídas com dívidas perpétuas e promessas vazias.

Vi povos a aclamarem a democracia liberal como se fosse a nova religião, sem notarem que os altares estavam nas bolsas de Nova Iorque e Frankfurt, e os sacerdotes, esses, vestiam fato e gravata. Assisti ao império a esconder-se por trás de relatórios técnicos, índices de crescimento e cimeiras de Davos. Tudo em nome da liberdade.

E agora, filhos da velha Europa, gritais que querem um mundo verdadeiramente livre? Pois sabeis: a liberdade assusta. Um mundo realmente livre será caótico, imprevisível, sem donos – e por isso mesmo, intolerável para os que sempre viveram, e querem viver na sombra do privilégio. Preparai-vos: a liberdade não virá das urnas, mas do colapso. Virá com a ruína das catedrais financeiras, no silêncio dos tanques que já não obedecem e das ruínas das falsas democracias.

Quando isso acontecer, não haverá paz – mas haverá verdade. E a verdade, como estais fartos de saber, nunca foi bem-vinda entre os civilizados.

Neste teatro de sombras, a democracia liberal surge menos como regime de participação e cidadania e mais como uma engenharia de consentimento, moldada pelos interesses dos que realmente detêm o poder.

Mas não tenhais medo, filhos desta terra antiga. Das ruínas erguer-se-ão novas possibilidades. Cada colapso carrega em si a semente de um novo recomeço. Quando as máscaras caírem e o

velho teatro se desmoronar, haverá espaço para imaginar outros mundos – mais livres, mais justos, mais humanos. Que neste caos encontremos a coragem de criar e não resistir apenas; que a partir das cinzas possamos forjar novas formas de convivência, onde a verdade não necessite de se esconder e onde, enfim, a liberdade deixa de ser um espectro e se torne no chão firme sob nossos pés.”

Referências:

Chomsky, N. (2003). *Hegemony or Survival*. Henry Holt.

Mearsheimer, J. (2001). *The Tragedy of Great Power Politics*. Norton.

Brzezinski, Z. (1997). *The Grand Chessboard*. Basic Books.

Pappé, I. (2006). *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oneworld.

Klein, N. (2007). *The Shock Doctrine*. Knopf.

Chossudovsky, M. (2015). *The Globalization of War*. Global Research.

Doyle, M. (1986). *Empires*. Cornell University Press.

Huxley, A. (1932). *Brave New World*. Chatto & Windus.